

ORIGEM DO ALTO ESTRUTURAL DE PITANGA, BACIA DO PARANÁ, SP

*Leonardo Ferreira da Silva de Siqueira^{1,2}; Claudio Riccomini^{1,3}; Renato Paes de Almeida¹**¹Instituto de Geociências, USP; ²Bolsista da FAPESP; ³Pesquisador do CNPq*

Altos estruturais em bacias intracratônicas, tais como *horsts* e anticlinais, são estruturas tradicionalmente investigadas como potenciais armazenadores de hidrocarbonetos. Modernamente, estruturas dessa natureza também apresentam importância estratégica, na estocagem de gás combustível, e ambiental, com potencial para armazenamento geológico de gases do efeito estufa.

Na porção leste dos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina ocorrem numerosos altos estruturais, dentre os quais, por suas dimensões, destaca-se o de Pitanga, no Estado de São Paulo. Com base na distribuição em mapa das unidades litoestratigráficas, verifica-se que essa estrutura possui forma grosseiramente elíptica, com eixos maior de 30 km e menor de 15 km orientados, respectivamente, segundo as direções aproximadas N-S e E-W. Suas camadas mergulham suavemente em todas as direções, compondo uma estrutura levemente assimétrica, com mergulhos mais fortes no flanco oeste, onde há valores próximos a 2°.

Embora o Alto Estrutural de Pitanga (AEP) tenha sido reconhecido em trabalhos geológicos desde a década de 1930, ele ainda não foi objeto de estudos voltados especificamente à definição de seu arranjo espacial. Elucidar o mecanismo gerador do AEP é um tema de relevância científica, no sentido de contribuir para a compreensão dos processos relacionados à tectônica deformadora da Bacia do Paraná e de outras bacias intracratônicas, como também no estabelecimento de modelos análogos para estruturas em subsuperfície.

De modo a melhor definir o arranjo espacial do AEP, foi elaborado um mapa de contorno estrutural, a partir de um datum estratigráfico bem caracterizado, a Camada Ibicatu, situada entre as formações Tatui e Taquaral. Foram caracterizadas também a geometria, cinemática e paleotensões associadas às estruturas, procurando relacionar estruturas de mesoescala, sobretudo falhas e dobras, com a estruturação geral, para avaliar suas possíveis influências na geração e ou deformação do AEP, e também testar os diferentes modelos propostos para a gênese da estrutura, se uma grande dobra, falha, combinação de ambas ou soerguimento resultante de uma intrusão no seu interior.

O mapa de contorno estrutural confirmou a disposição do AEP em forma de um braquianticlinal, com eixo maior N-S a NNE-SSW e menor E-W a WNW-ESE. A análise estrutural e dados prévios revelaram a provável sucessão de regimes de esforços: 1. distensão NW-SE, permotriássica, responsável pela colocação de diques clásticos da formação Corumbataí e deformações sin-sedimentares na Formação Pirambóia; 2. distensão NE-SW, durante o magmatismo toleítico eocretáceo da Formação Serra Geral, acompanhada da intrusão de diques e soleiras de diabásio; 3. regime transcorrente, com compressão NW-SE a WNW-ESE e distensão NE-SW a NNE-SSW; 4. regime transcorrente, com compressão NE-SW e distensão NW-SE; 5. distensão NW-SE, responsável por falhas normais de direção NE que seccionam terraços fluviais recentes; 6. compressão NW-SE, com reativação destas falhas NE.

O arranjo espacial da estrutura e a evolução do campo de esforços determinada para a região sugerem que o AEP foi originado sob o regime transcorrente, com direção de compressão NW-SE a WNW-ESE, posterior ao magmatismo eocretáceo e prévio às deformações neotectônicas dos terraços fluviais. Levantamentos geológicos em áreas selecionadas deverão permitir a determinação mais precisa da idade do AEP.

In: Simpósio de Geologia do Sudeste, 10/
Simpósio de Geologia de Minas Gerais, 14